

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
IRENE PAPAS, ALMA MEDITERRÂNICA  
22 e 30 de novembro de 2022

## ELECTRA / 1962 (*Electra*)

um filme de Michael Cacoyannis

**Realização:** Michael Cacoyannis / **Argumento:** Michael Cacoyannis, segundo a peça de Eurípedes / **Fotografia:** Walter Lassally / **Direcção Artística e Figurinos:** Spyros Vassiliou / **Música:** Mikis Theodorakis / **Som:** Mikes Damalas / **Intérpretes:** Irene Papas (Electra), Yannis Fertis (Orestes), Aleka Katselli (Clitemnestra), Theano Ioannidou (Chefe do Coro), Notis Peryalis (marido de Electra), Takis Emmanuel (Pílades), Phoebus Rhazis (Egisto), Manus Katrakis (o Tutor), Eleni Karpeta, Kitty Arseni, Eleni Marinou Anna Stavridou, Eleni Marki, Elli Trigonopoulou, Rota Logapoulou.

**Produção:** Michael Cacoyannis / **Cópia:** 35mm, preto-e-branco, versão original falada em grego, legendada em inglês e eletronicamente em português, 110 minutos / **Estreia Mundial:** Festival Internacional de Cinema de Cannes de 1962 / **Estreia em Portugal:** Quarteto, em 22 de Setembro de 1976

---

Conhecido internacionalmente devido ao mega-sucesso que foi **Zorba the Greek/Zorba o Grego** (onde Anthony Quinn teve o papel da sua vida), Michael Cacoyannis teve um papel de destaque no desenvolvimento do cinema grego. Logo a partir do seu primeiro filme, **Kirlakatilo Xypnima/"O Despertar do Domingo"**, em 1953, Cacoyannis fazia, aos 31 anos, uma espécie de mini-revolução com uma comédia que levava a câmara para as ruas para captar o pulsar da vida popular, imitando as fórmulas do neo-realismo italiano. O filme seguinte, **Stella**, tornou-o o mais importante director do seu país e fez nascer uma nova vedeta, Melina Mercouri. Cacoyannis explora de forma hábil a cultura tradicional grega, em particular a música, tendo a seu lado, numa primeira fase, Manos Hadjidakis, e a partir do que vamos ver quase todos os filmes que fez têm, neste campo, o contributo de Mikis Theodorakis. Logo a seguir a **Electra**, graças ao prémio conquistado no Festival de Cannes, Cacoyannis fez o seu filme mais famoso, **Zorba**, hábil exploração comercial do folclore "para turista ver" que lhe deu celebridade e uma aposta de Hollywood para o seu filme seguinte, **The Day the Fish Came Out/Quando o Peixe Saiu do Mar**, que foi um *flop* na bilheteira. Como Anteu, Cacoyannis, regressa à sua terra e cultura para nova incursão na tragédia grega com uma adaptação de **As Troianas** (1971). Em 1976 concluiria esta trilogia dramática com a adaptação de **Ifigénia** Isto enquanto dirigia outro tipo de obras e à encenação teatral (adaptando Shakespeare à Grécia), estando actualmente mais ligado à encenação operática.

Desta trilogia, o filme mais importante é **Electra**. Nela se impõe uma fabulosa actriz, Irene Papas, que em **Ifigénia** toma o papel de Clitemnestra, que neste filme cabe a outra grande actriz grega, Aleka Katselli, e se manifesta uma hábil aproximação à

tragédia de Eurípedes, clássica dentro da sua encenação. Para além do elenco notável e da música de Theodorakis, Cacoyannis tem a seu lado outro colaborador de peso, o director de fotografia Walter Lassally. O papel deste, como noutros filmes em que colaborou com Cacoyannis, é fundamental para a criação de um clima peculiar, que neste caso tem a ver com a forma de recriar uma atmosfera clássica e trágica, sem cair na pompa e no exibicionismo que são a marca de tantas outras produções semelhantes. Aqui, o uso do preto e branco revela-se fundamental, com as sombras deixando as marcas nas personagens como se fosse o próprio Destino, e, em particular, na notável utilização da profundidade de campo, onde os grandes planos tomam destaque e importância especial quando surgem como que emoldurados pela paisagem e as figuras no fundo do plano. O método é usado repetidamente quer na chegada de Agammemnon, no carro do triunfo que o leva ao palácio, vindo da guerra de Tróia, quer, principalmente, no encontro de Electra com o irmão Orestes.

Cacoyannis desenvolve no cinema as regras do Teatro Real (fundado em 1900) para as adaptações das tragédias clássicas. Não se trata de tentar recriar uma encenação dos tempos primitivos, e sim de adaptar cenicamente a obra a um olhar moderno. No caso do filme, a moderno deve juntar-se ainda popular. Daí algumas alterações, como no final, ou a morte de Egisto que tem, aqui, lugar durante as celebrações dionisíacas (que trazem um toque de orgia demilliana ao filme). Respeitando o texto (por exemplo: dividindo-o por vários intérpretes que formam, no conjunto, o coro), multiplicam-se, em simultâneo os olhares, através do campo-contra-campo apoiando-se na profundidade da imagem. Mas a narrativa cinematográfica necessita também de visualizar aquilo que era da competência do coro, uma necessidade que distingue o espectador de ontem e de hoje. Estas alterações são bastante significativas logo desde a sequência inicial que antecede a aparição do título. O uso dramático da paisagem e da profundidade de campo, e, em particular, a movimentação das massas populares, tomam uma forma épica que evocam os planos dos desfiles populares de **Ivan Grozny** ou de **Bronenosets Potiomkine**, em particular o primeiro com o rosto, em grande plano, de Agammemnon. A estilização da imagem aplica-se também à movimentação da câmara, feita de forma algo solene. E ainda dentro de cada plano desenvolve-se uma espécie de coreografia de movimentos (por exemplo: os avanços e recuos do coro das mulheres aquando do encontro de Electra com Orestes). Desta forma com esta adaptação de **Electra**, apoiada ainda pelo elenco e pelo tratamento do som, Cacoyannis ligou, de forma hábil as vantagens do teatro e do cinema.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico